



Um sonho que se renova permanentemente

POR **ANTONIO BATISTA DA SILVA JUNIOR**

A Fundação Dom Cabral acaba de completar 40 anos de existência. Não é uma data qualquer, como nos indica a sabedoria popular ao ditar que “a vida começa aos 40”. É nessa etapa da jornada que os indivíduos conquistam o estágio da maturidade e, com ele, a necessária capacidade de reflexão sobre o sentido da vida. Assim também acontece com as organizações. A chegada aos 40 anos favorece uma pertinente reflexão sobre o seu lugar no mundo. Qual o sentido de nossa existência? Qual o propósito da FDC?

Nossa instituição nasceu de um sonho. Como costuma contar um de seus fundadores, Emerson de Almeida: “Há 40 anos, não tínhamos quase nada. Não tínhamos dinheiro, não tínhamos sala, não tínhamos professores e estávamos afastados do principal mercado econômico (Rio de Janeiro e São Paulo). Mas tínhamos o essencial: o sonho de criar uma instituição referência que pudesse contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país”.

A missão da Fundação Dom Cabral é a síntese do sonho que conferiu sentido à existência da instituição: contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade por meio da educação,

da capacitação e do desenvolvimento de executivos, empresários e gestores públicos. Em quatro décadas, forjamos uma escola. O nosso desejo é o de mudar o mundo. Fazer dele um lugar muito melhor, mais justo, próspero e mais feliz.

O lugar da FDC é o da relevância e o da utilidade. Ao mirar o retrovisor da nossa história, é possível identificar a importância do papel desenvolvido pela instituição em períodos marcantes da vida econômica do país. Nos momentos em que o mundo empresarial precisou de apoio, a FDC foi capaz de exercitar a sua missão e confirmar o seu propósito.

Foi assim desde o início. Concebida na década de 1970, em Belo Horizonte, no interior da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), a Fundação Dom Cabral surgiu da observação atenta das necessidades do mercado. O Brasil experimentava um momento virtuoso da economia – o chamado Milagre Econômico – e, em Minas Gerais, o setor industrial refletia a prosperidade econômica do país. Era o período da instalação da Fiat na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a duplicação da siderúrgica Usiminas e a implantação de outras importantes indústrias. O

setor produtivo clamava por aperfeiçoamento técnico na área de gestão empresarial. Essa demanda, associada a uma intensa capacidade de leitura do mercado, capaz de entregar aquilo que seria percebido como valor pelo cliente, foi o terreno fértil que deu origem à FDC.

O senso de relevância também foi apurado na década de 1980, quando criamos o Centro de Estudos e Desenvolvimento da Exportação (CEDEX), para apoiar as empresas brasileiras no movimento de exportação. Mais adiante, na década de 1990, com um toque de mestre e a persistência própria dos vencedores, o professor Emerson de Almeida lançou uma iniciativa que reuniu um robusto grupo de presidentes de grandes organizações que enfrentavam os dilemas da abertura do mercado brasileiro para as importações. O Centro de Tecnologia Empresarial (CTE) foi um marco na história da FDC e ajudou empresas como a Rhodia, Sadia e Natura a fazerem a transição entre a economia fechada e a aberta. Foi nesse movimento que atraímos o interesse de duas grandes escolas internacionais e selamos alianças estratégicas que vigoram até hoje: INSEAD, na França, e a Kellogg School of Management, nos Estados Unidos.

Com as médias empresas ameaçadas pela abertura econômica e ávidas por crescimento rápido, criamos o PAEX – Parceiros para a Excelência. Começamos com oito empresas mineiras e, até o momento, mais de 1.500 organizações do Brasil, Paraguai, Argentina e Portugal já passaram pela rede PAEX. Trata-se do maior programa de redes de aprendizagem para a gestão de médias empresas do Brasil.

Sempre antenado com o futuro, sem perder a urgência do tempo presente, em 2009, o professor Emerson de Almeida criou o Conselho Consultivo Internacional (CCI). O objetivo era dar robustez à internacionalização da nossa instituição. A criação do CCI carrega consigo uma das histórias mais genuínas da trajetória da instituição e reveladora de traços marcantes da cultura da FDC. A decisão de instalar o Conselho Internacional foi tomada na China. O professor Emerson de Almeida estava em Pequim, para participar da reunião do Conselho Internacional da Guanghua School of Management Peking University a convite de Don Jacobs, Dean Emérito da Kellogg School of Management e então Presidente do Conselho Internacional da escola chinesa. Os dois executivos se encontraram e

conversaram sobre as discussões da reunião de trabalho na escola chinesa. Foi quando o professor Emerson, num daqueles arroubos empreendedores, fez o convite a Don Jacobs para instalar e presidir um Conselho Internacional na Fundação Dom Cabral. Nascia, assim, o Conselho Consultivo Internacional da FDC – órgão que reúne 52 líderes empresariais, sociais e políticos de 23 países.

Essa história descortina a força da inovação e comprova tenacidade e ousadia – dois princípios que nos são especialmente caros desde o dia em que assumi a presidência executiva da FDC, em janeiro deste ano. A principal missão da nova diretoria executiva é implementar a reflexão estratégica, realizada em 2014 e 2015, que definiu a visão do posicionamento futuro da nossa instituição no mercado global. Foi um trabalho que envolveu mais de 400 pessoas e apontou rumos para a FDC, dos quais destacamos três.

O primeiro é o da **inovação**, que será nutrido pela ousadia de homens e mulheres que constroem a instituição e não têm medido esforços para ajustar o nosso negócio ao tempo presente e, assim, antecipar o futuro.

O segundo é que identificamos a necessidade da FDC exercer o **protagonismo** em debates centrais do país, posicionando o conhecimento e a educação como forças motrizes das transformações da sociedade. A FDC há de fazer valer seu compromisso ético de articular saberes e atores em debates e diálogos que façam a sociedade avançar no seu processo civilizatório.

E, finalmente, o terceiro, diz respeito à reflexão estratégica que jogou luz sobre o vetor da **internacionalização**. A FDC pretende exercer um papel relevante no mercado global. Busca se constituir não como uma cópia pálida de uma escola internacional, mas como verdadeira escola brasileira de padrão global, que fala do mundo para o Brasil e do Brasil para o mundo.

Esses três pontos – inovação, protagonismo na sociedade e internacionalização – são o esteio dos próximos anos dessa instituição que, ao celebrar quatro décadas de existência, renova a força inspiradora do seu passado para construir, hoje, um futuro ainda mais promissor.

ANTONIO BATISTA DA SILVA JUNIOR é Presidente Executivo da Fundação Dom Cabral.